MANUEL XESTOSO

(1966-)



Manuel Xestoso é escritor, editor, tradutor, crítico literário e, há vinte anos, jornalista cultural em *A Nosa Terra, Grial, Faro de Vigo, Sermos Galiza* e ainda na *Revista Galega de Teatro* (RTG), de que é subdirector. Publicou *Teoría del Ruido* em 1995, uma *plaquette* ilustrada por Viola Siruthairath, inicialmente escrita em galego e que o próprio autor traduziu, a que se seguiu *Antón Reixa: ghicho distinto* (2012), em colaboração com Xosé Cid Cabido. Em 2017 publicou *As Ruínas de Europa*, na colecção Dombate da editora Galaxia. Tem ainda numerosos artigos de crítica teatral publicados em diferentes revistas.

A capa de *As Ruínas de Europa* reproduz uma gravura de *Carceri d'Invenzione*, de Giovanni Battista Piranesi. Estas prisões que o artista italiano imaginou a partir das ruínas romanas introduzem-nos noutro cenário mais amplo, a Europa e a viagem que Manuel Xestoso recria em torno das suas ruínas, contorno de silêncio para um tempo aprisionado. O autor parte de duas peças de teatro. A primeira é *The Europeans*, de Howard Barker, escrita em 1984 e representada em Maio de 2009 no Teatro Carlos Alberto, no Porto. Xestoso comentou numa entrevista concedida ao jornal digital *Praza* que começou a escrever os poemas nessa data, enquanto assistia a diferentes representações da peça em Portugal (pela companhia de teatro As Boas Raparigas, enc. Rogério de Carvalho) e França (pelo Théâtre de l'Odéon, enc. Christian Esnay) (cf. Dopico e Xestoso 2018). A obra de Barker recria o tema da ruína e da reconstrução da Europa tomando como ponto de partida a batalha de Viena, em 1683, entre a Europa cristã e a Turquia otomana.

A segunda peça é *Die Hamletmaschine*, de Heiner Müller (1977), donde Xestoso tira o título, conforme indica na primeira citação ("…ás miñas costas as ruínas de Europa") e numa das partes do livro, *Scherzo*.

A obra *As Ruínas de Europa* tem como temas principais o conceito de ruína e a ideia da Europa. A ruína é o que permanece depois da violência, do cerco, da guerra e do sangue; portanto, como ossos e cinza, esqueleto da Europa actual. Mas existe também o conceito antagónico da ruína como beleza sublime que soterra cadáveres e memória; da ruína clássica dos templos e da que emerge dos bombardeamentos; bem como da ruína industrial. À ideia romântica de contemplação estética da ruína, contrapõem-se o abandono, o horror e a necessidade da reconstrução da Europa. O autor indica numa entrevista concedida a Montse Dopico que "Ruína implica algo que acabou pero que ao mesmo tempo perdura. Por iso é un sinal de resistencia" (cf. Dopico e Xestoso 2018). De seguida, apresenta-se a ideia de Marc Augé, para quem a ruína é um conceito europeu, ausente nas outras culturas, e, à imagem do que faz Augé, o livro leva-nos a cidades como Berlim e Paris, numa viagem de Inverno: "It is cold. It is Europa" (Xestoso 2017: 20), evocando referências a Barker, a pássaros feridos ou quase inexistentes: "Coñezo máis nomes de multinacionais / que de árbores e de paxaros. (…) Albisco a silueta dun albatros ferido / na pintura esportelada" (11).

A devastação, a ruína, a paisagem deserta, silente, coabita com a Europa de George Steiner (2004), repleta de hotéis, cafés, museus; a música, a poesia e a filosofia fazem parte da nossa história. Sobreviverá a Europa à profecia de Steiner? Emergirá da ruína? Ainda há esperança, a da luz e dos pássaros, da música e do poema, sempre no limiar dum precipício:

Exploremos a posibilidade
de precipitarnos nun ceo
inacabado. (81)

A Europa gélida que Xestoso atravessa faz lembrar a instalação de Francesc Torres *Continent de Cristall*, em que uma escavadora destrói milhares de garrafas de vidro, símbolo da nossa civilização; Torres conclui que "cando a civilización se rompe o único que resta é lixo, lixo

fermoso, belido porén, lixo finalmente" (1994).

Deambulamos com o autor pelas ruínas históricas, acompanhamo-lo até às "sacras pedras de Stonehenge", à fonte de Apolo, às pedras do muro de Berlim, ao templo de Bóreas. Estão presentes também as ruínas de Pompeia, com os seus cadáveres petrificados (51); a Europa industrial e a sua ruína, em contraposição com a natureza que depois invadirá o abandono; finalmente, a devastação das guerras.

A cidade europeia contemporânea é fruto da passagem da história: a sua arquitectura constrói-se sobre a estrutura de antigos edifícios; pelas suas ruas, cafés ou museus transitam diferentes personagens da mitologia, da história, da literatura, da música ou do cinema. E esse espaço contrapõe-se a um lugar idílico, natural, o de partida do autor: a casa e a tribo, onde repousam a memória e o conhecimento adquirido na viagem, um espaço habitado por pássaros, em que a luz invade tudo. A Europa por onde viaja o autor é uma amálgama de memória e vida, a sua identidade é formada pelos depósitos históricos que se acumulam sobre o território, sobre as pedras.

Xestoso oferece-nos trinta e três poemas, cheios de citações e de diálogos. No seu caminhar pelo antigo continente, aproxima-nos da literatura, do cinema, da arte, da música e da filosofia. Personagens reais e fictícias misturam-se e conversam no correr dos versos: Sócrates, Fedro ou Alcmán de Esparta convivem com Lady Julia Flyte, Napoleão, Schubert, Lully, Alain Resnais, Dostoiévski ou Visconti, Verhaeren, Rimbaud, Walter Benjamin, Brecht, Goethe, Valéry, Mahler ou Lotte Kestner. A sua leitura obriga a uma atenta revisão de outras obras.

O livro divide-se em três partes, como – esclarece Xestoso – uma composição musical em três andamentos. Começa com "O camiño está cuberto de neve", alusão clara à *Winterreise* de Schubert. O segundo andamento tem como título "Átomos de ámbar", possível referência às três peças para piano de Erik Satie, *Gymnopédies*, e ao poema de Latour que inclui o verso "Où les atomes d'ambre au feu se miroitant", impresso nas partituras. O último andamento, "A primavera chegou durante a noite", relembra um verso de um poema de Li Po

utilizado por Gustav Mahler no quinto andamento de *Das Lied von der Erde*. A música é, assim, um dos pilares dos poemas.

A maior parte dos textos pertence ao primeiro andamento. Como indicámos, poetiza uma viagem de Inverno realizada pelo autor, real ou imaginária, numa paisagem desolada pela guerra e pela destruição, mas onde habita a força da cultura. Os três primeiros poemas têm títulos que poderiam resumir a obra: “Leaving…” – “Retorno” – “Restauración”.

A viagem começa no Reino Unido, em Nether Stowey (Somerset), onde, em 1798, Coleridge e Wordsworth escreveram as *Lyrical Ballads*. Assim, o poema estabelece um paralelismo com *The Rime of the Ancyent Marinere*, um diálogo entre o autor e o marinheiro, numa viagem nocturna em que as sensações se confundem com as vivências do último. O albatroz ferido (morto) é a imagem mais poderosa que Xestoso recupera do poema romântico: “Albisco a silueta dun albatros ferido / na pintura esportelada”. Manifesta-se aqui o domínio industrial e a sua ruína sobre a natureza: “Unha nave industrial no fondo da noite / Semellaba un paquidermo extinto” (11). Novamente temos a ruína industrial no segundo poema: “asenta sobre os restos dun antigo polígono industrial / bombardeado polos nazis” (14). Visitamos aqui os restos megalíticos por onde deambula o olhar de Lady Julia Flyte, personagem da novela *Brideshead Revisited*, *the Sacred and Profane Memories of Capt. Charles Ryder*, de EvelynWaugh; as referências à Segunda Guerra Mundial, ou a difícil tarefa de manter vivas as línguas menorizadas.

O poema intitulado “O ano pasado” resulta do filme *L’Année Dernière à Marienbad*, de Alain Resnais, permitindo-nos acompanhar o autor no seu passeio pelos jardins de Frederiskbad, por geometrias fotográficas intermináveis, para finalizar com uma referência à “Marienbader Elegie” de Goethe: “Eramos ti e mais eu: / os favoritos dos deuses” (22), que remete também para a saudade total dos versos de “Sós” de Manoel Antonio (1928).

Em “Estratexia” descreve-se a partida de xadrez que Bertolt Brecht e Walter Benjamin jogavam todos os dias na residência do primeiro em Svendorg, no Verão de 1934, e de que existem três fotografias. Neste poema também se remete para o diálogo platónico entre

Fedro e Sócrates na obra *Eupalinos ou l'Architecte*, de Paul Valéry, publicada em 1923 na revista *Architecture*; manifesta-se aí a beleza, a arquitectura como arte sublime, a sua relação com a música e a palavra e, finalmente, a procura dum conhecimento interior. Também não devemos esquecer que Bóreas era o vento do norte, responsável pelo frio do Inverno, no já citado diálogo de Valéry. Não é casual a escolha de Benjamin, um autor que explorou a ideia de Baudelaire de destruição e ruína provocadas pelas grandes massas e pelo capitalismo, procurando compreender o mundo moderno a partir das ruínas de Paris; um autor que, como Brecht, foi também perseguido pelo regime nacional-socialista e obrigado ao exílio.

Em "Noites brancas" há o frio e o sol da meia-noite dos países nórdicos, agora evocando a lembrança de Dostoiévski e do filme de Visconti.

O cinema é uma constante nos poemas, e o próprio autor indica que tentou aproximar-se da linguagem cinematográfica de Godard. Reconhece ainda a dívida para com o grupo poético galego Rompente e Manuel Antonio (cf. Dopico e Xestoso 2018).

Como já dissemos, as guerras na Europa são uma das causas da sua ruína. Recuperar a palavra dos mortos faz parte do convívio com a memória, para podermos continuar. Relembrando Paris, Xestoso remete-nos para a revolução francesa nos poemas "Restauración" e "O rei divírtese" e, na sua viagem para leste, detém-se na chegada de Napoleão ao poder, a 18 de Brumário (9 de Novembro) de 1799, no mesmo dia em que, em 1938, na "noite de cristal", noventa e dois judeus viriam a ser assassinados e trinta mil deportados; em 1989, noutro dia 9 de Novembro, cairia o Muro de Berlim. Inclui, igualmente, alusões à batalha de Viena (29) e ao cerco de Sarajevo (30).

Só três poemas formam o movimento "Átomos de ámbar". São muito menos narrativos do que os anteriores, como um repouso ou um silêncio depois da batalha e da barbárie. Estabelecem um intervalo rumo ao desenlace, no último andamento. Uma esperança de retorno ao início, à identidade, à avó e à tribo: "os paxaros (…) / constrúen niños / contra o vento / en forma de nube" (63). É a invasão da luz.

O último andamento inicia-se com uma citação de Benjamin: "…e ata onde só murmuran as plantas, / sempre resoa un lamento" (1983). Regressamos ao modelo de composição poética da primeira parte. "Xerome" introduz o tema da identidade: "Je est un autre", extraído das *Lettres du voyant* de Rimbaud. Começa igualmente a luta entre a luz e o ocaso, e a ideia circular do tempo e do eterno retorno de Nietzsche, para quem o tempo devém e corre, mas nunca começou a devir e nunca parou de correr:

No inacesible fondo da furna
Rabuñou un signo na pedra
cruz, enigma, labirinto,
círculo onde nace o griñido. (77)

Lista de poemas sobre a Europa

"Retorno"
"Restauración"
"Hotel"
"Estratexia"
"Paisaxe"
"Freyung"
"Parhelio"
"Esta historia"
"Berlín"

Antologia breve

HOTEL

Busquei a Lotte Kestner

por todos os camiños:
do Courel a Compostela,
de Iásnaia Poliana a Stalingrado.

Á noite,
no hotel Elephant de Weimar,
a locutora recitaba titulares
cun inquietante estilo monocorde:

“Hoxe, 18 de brumario,
esboroáronse as pedras do Muro.
Os cristais sementan as rúas.
Noventa e dous xudeus asasinados
e trinta mil deportados.
Gari Kaspárov, campión do mundo
tras bater a Anatolii Karpov.”

O serán xacía no silencio
cun despotismo de felino.
Chiaban as avelaionas e os proverbios.

Sería bonito atoparte agora, Lotte.
Bonito e triste,
coma dúas salamántigas
amándose nun terrario.
Preguntaríache:
“Por que se comprime tanto
o aire que aínda nos queda nos pulmóns?”
E ti contestarías imperturbable:
It is cold. It is Europe.

Logo,
Escoitariamos un cuarteto de Lachenmann
e ningún xine te acudiría
ao chamado da catástrofe.

Lotte,
cara a onde flúe o río do desexo?
in *As Ruínas de Europa* (2017: 19-20)

FREYUNG

Confundo a pedra co outono
e o sol desménteme.

Todos estes palacios,
os sibilantes ecos nos salóns galantes,
as brillantes clepsidras,
as pasaxes baixo arquitecturas sinuosas

ocultan unha mensaxe
esculpida – tal vez – nas mitocondrias.

[– Escoitas?
É a artillaría de Solimán o Magnífico
bombardeando Karl-Marx-Hof
dende a mesa de negociacións
do Palais Kinsky.]

E seguen así, as pedras,
En marcando o bafo da morte, da vida,

the horror, the horror,

esas emisións radiofónicas en onda curta.

Valses,
polcas,
marchas.
salvas de artillaría.
[– Isto non é Saraxevo
non mestures os escenarios.]

Estou canso,
sento,
e miro as pedras máis unha vez.
Abrázame a nitidez das verbas non pronunciadas;
a transparencia dos murmurios.

Gravilo Princip berrou:
“o rei vai espido, o rei vai espido”.

E choveu sobre a cidade
lume e sofre dende o ceo.
in *As Ruínas de Europa* (2017: 29-30)

S/T

Viven tras o bombardeo ás veces
a vida no ruedo os cigarros
raspillados na procura de auga
de alimentos os francotiradores

unha vaca sagrada pasea
polos bulevares place de l'etoile
abaixo até o arco do triunfo
dos stukas dos pogroms
sempre triunfando portaavións
kamikazes as forzas da paz
vendendo camel sen filtro
o dialecto anglosaxón un dous en finta
violonchelos cantan firmes
o himno á alegría as vacas
sagradas bradando en ollos
de celuloide (yeah yeah) o inverno
en saraxevo as películas
e un minuto antes

a carta de axuste
in *Teoría del Ruido*, versão original em galego, inédita (1995)

Bibliografia ativa selecionada

DOPICO, Montse/ XESTOSO, Manuel (2018), "A cultura oficial cheira a incenso, ten algo sempre de culto aos mortos" – *Praza Pública*, 15 de Junho de 2018. Disponível em https://praza.gal/cultura/manuel-xestoso-la-cultura-oficial-cheira-a-incenso-ten-algo-sempre-de-culto-aos-mortosr, consultado em 2/12/2020.

XESTOSO, Manuel/ SIRUTHAIRATH, Viola (1995), *Teoría del Ruido*, Madrid,Galeria Tripas Corazo.

XESTOSO, Manuel/ CID CABIDO, Xosé (2012), *Antón Reixa: ghicho distinto*, Vigo, Xerais.

XESTOSO, Manuel (2017), *As Ruínas de Europa*, Vigo, Galaxia.

Bibliografia crítica selecionada

STEINER, George (2004), *The Idea of Europe*, Tilburg, Nexus Institute.

TORRES, Francesc (1994), *Continent de cristall*. Disponível em https://vimeo.com/128797783.

Inma Doval-Porto

Como citar este verbete:

DOVAL-PORTO, Imna (2020), “Manuel Xestoso”, in *A Europa face à Europa: poetas escrevem a Europa.* ISBN:
978-989-99999-1-6. https://aeuropafaceaeuropa.ilcml.com/pt/verbete/manuel-xestoso/